

GLOBALIZAÇÃO SOCIAL: DESAFIO DO SÉCULO XXI

GLOBALIZATION SOCIAL: CHALLENGE OF THE TWENTY-FIRST CENTURY

Vagner Rosalem¹ e Antônio Carlos dos Santos²

RESUMO

A crítica de muitos à globalização é consequência dos rumos que ela está tomando. Embora a globalização seja um processo dinâmico em andamento, o seu avanço tem ocorrido de forma desequilibrada, gerando instabilidade política, econômica e social em várias regiões do planeta. O presente trabalho procura, de forma teórica, mostrar a falta da globalização social como um dos fatores que tem provocado desequilíbrio na dinâmica do processo de globalização. Pelo lado econômico, observa-se que a globalização ocorre de forma acelerada e já alcança os mais distantes pontos da face da Terra, ao passo que, pelo lado social, observa-se que a globalização está ausente em algumas regiões e, em outro tanto, ela ocorre de forma lenta e sem muito interesse. De nada vale os benefícios da globalização econômica se não existir a globalização social. Esse é o desafio do século XXI.

Palavras-chave: Globalização; Globalização econômica; Globalização social.

¹ Professor Assistente do Departamento de Administração da Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: vagner@hotmail.com

² Professor Titular do Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras (UFLA).
E-mail: acsantos@ufla.br

ABSTRACT

The criticism of many of globalization is a consequence of directions it is taking. While globalization is a dynamic process in progress, its progress has occurred so unbalanced, creating political instability, economic and social development in various regions of the planet. This paper demand, so theoretically, show the lack of social globalisation as one of the factors that have caused imbalance in the dynamics of the globalization process. On the economic side there is that globalization occurs so rapidly and have reached the most distant points of the face of the Earth, while the social side, there is that globalisation is absent in some regions, and in another both, it happens so slowly and without much interest. It is not worth the benefits of economic globalization if there is the social globalisation. That and the challenge of the twenty-first century.

Keywords: Globalization; Economic globalization; Social globalization.

1 Introdução

A globalização das economias, produzida por inúmeros fatores, dentre eles o crescimento econômico ocorrido em diferentes partes do mundo, está produzindo mudanças de grande significado no comportamento do mercado e na gestão de empresas. A capacidade competitiva da empresa, que no passado estava ligada à *performance* que ela obtinha em mercados delimitados geograficamente e com padrões de comportamento com poucas diferenciações, está merecendo novos critérios de avaliação, pois a atuação em nível global leva à revisão de conceitos e práticas adotadas na gestão dos negócios, principalmente através da introdução de temas que até há bem pouco tempo eram discutidos intensamente em rodas acadêmicas ou em artigos apresentados em revistas dedicadas ao assunto relativo à administração de empresas.

Para muitos, globalização da economia não passa de um mecanismo engendrado pelos mais ricos ou mais fortes para aumentar seu domínio sobre os pobres ou sobre os menores. Isto não é verdade. Globalização, na prática, é um gigantesco processo dinâmico em andamento, que ninguém a “inventou”. Já é visível, por exemplo, que, embora ninguém tenha criado a globalização, dela estão se aproveitando os agentes econômicos mais ágeis, em detrimento dos mais lentos. Não, necessariamente, os maiores, os mais fortes, os mais ricos, mais ágeis ou os mais espertos estão ganhando. Gigantescas corporações pesadas e mal geridas estão virando poeira, e da poeira estão surgindo novos gigantes ágeis e eficazes.

A crítica de muitos à globalização é consequência dos rumos que ela está tomando. Embora a globalização seja um processo dinâmico em andamento, o seu avanço tem sido de forma desequilibrada, gerando instabilidade política, econômica e social em várias regiões do planeta. Vários fatores têm levado a esse desequilíbrio. O presente trabalho discorre, de forma teórica, a falta da globalização social como um dos fatores que tem provocado desequilíbrio na dinâmica do processo de globalização, partindo do pressuposto que sem o equilíbrio entre o econômico e o social fica difícil falar em equilíbrio.

2 Globalização

O mundo, hoje, é marcado pela globalização da economia e do mercado, que determina as tendências do progresso da ciência, da tecnologia, da agricultura, da indústria, enfim, determina as novas formas de estruturação da sociedade capitalista.

O que é, afinal de contas, globalização? Não há uma definição de globalização que seja aceita por todos. Ela está definitivamente na moda e significa muitas coisas ao mesmo tempo. No mesmo processo, identifica-se a rápida interligação dos mercados nacionais, a movimentação instantânea de enormes fortunas em dólares por computador de um país a outro, o processamento, difusão e transmissão de informações pela rede mundial de computadores, caracterizando o que alguns já denominam de a “terceira revolução tecnológica”.

O fenômeno da globalização resulta da conjunção de três forças poderosas:

- a terceira revolução tecnológica (tecnologias ligadas à busca, processamento, difusão e transmissão de informações; inteligência artificial, engenharia genética);
- a formação de áreas de livre comércio e blocos econômicos integrados (como o Mercosul, a União Europeia e o Nafta);
- a crescente interligação e interdependência dos mercados físicos e financeiros, em escala planetária.

Entretanto, esses três aspectos são questionados por muitos estudiosos da globalização. Alguns lembram que o comércio entre nações é velho como o mundo, os transportes intercontinentais rápidos existem há vários séculos, as empresas multinacionais prosperam já há meio século, os movimentos de capitais não são uma invenção dos anos 1990, assim como a televisão, os satélites e a informática. O que ocorreu de novidade em nossos dias foi o desaparecimento do único grande sistema que concorria com o capitalismo liberal em escala planetária, ou seja, o comunismo soviético. Dessa forma, fechou-se o ciclo, porque o fim do comunismo possibilitou globalizar de fato o capitalismo, com todas as implicações decorrentes: aumento do fluxo de comércio, de informações e de expansão das empresas transacionais para mercados antes fechados.³

Assim, a “globalização” possui dimensões políticas e econômicas que afetam a organização do processo produtivo em escala internacional. Tais dimensões estruturam o modelo “neoliberal”, que vem sendo adotado nos países ocidentais e que tem como característica primordial o afastamento do Estado da gestão de diversos setores da economia. No plano econômico, neoliberalismo diferencia-se do liberalismo clássico quanto à circulação internacional de bens e capitais. No neoliberalismo há a preocupação em se formar blocos econômicos que, sob a justificativa de maior facilidade na circulação da produção (e conseqüente barateamento), criam verdadeiras fortalezas protecionistas em torno das economias mais fortes.

³ Fatos históricos marcantes ocorridos entre o final da década de 1980 e o início da de 1990 determinaram um processo de rápidas mudanças políticas e econômicas no mundo. Até mesmo os analistas e cientistas políticos internacionais foram surpreendidos pelos acontecimentos: (a) a queda do Muro de Berlim em 1989; fim da Guerra Fria; (b) fim do socialismo real; (c) a desintegração da União Soviética, em dezembro de 1991, e seu desdobramento em novos Estados Soberanos (Ucrânia, Rússia, Lituânia etc.); (d) a formação de blocos econômicos regionais (União Europeia, Nafta, Mercosul etc.); (e) grande crescimento econômico de alguns países asiáticos (Japão, Taiwan, China, Hong Kong, Cingapura), levando a crer que constituirão a região mais rica do século XXI; (f) fortalecimento do capitalismo em sua atual forma, ou seja, o neoliberalismo; (g) grande desenvolvimento científico e tecnológico ou Terceira Revolução Industrial ou Tecnológica. O cenário internacional do início dos anos 1990 foi marcado pela crescente hegemonia do ideário neoliberal como modelo de ajuste estrutural das economias e pela afirmação do domínio político e militar dos EUA, com o fim da Guerra Fria. Esse movimento foi acompanhado pela evolução de novos conceitos no mundo do trabalho (qualidade, produtividade, terceirização, reengenharia etc.), como resultado do desenvolvimento e da introdução de novas tecnologias na produção e na administração empresarial e com o agravamento da exclusão social.

3 Efeitos da globalização

Conforme já comentado, a crítica de muitos à globalização é consequência dos rumos que ela está tomando. Embora a globalização seja um processo dinâmico em andamento, o seu avanço tem ocorrido de forma desequilibrada, gerando instabilidade política, econômica e social em várias regiões do planeta.

No mundo globalizado, a competitividade entre as empresas tornou-se questão de sobrevivência. Entretanto, como o poder dessas empresas (quanto ao domínio de tecnologias, de capital financeiro, de mercados, de distribuição etc.) é desigual, surgem relações desiguais entre elas e o mercado. Algumas saíram vitoriosas e outras sucumbirão. Muitos setores da economia estão oligopolizados e até mesmo monopolizados,⁴ dificultando a entrada de novos competidores. Desse modo, a noção de livre mercado é relativa. Muitos setores da atividade econômica já têm “dono” e dificilmente permitiriam a entrada de novos produtores. A globalização da economia e das finanças beneficia, assim, amplamente o grande capital, as grandes corporações transnacionais.

A ampliação do poder das grandes corporações tem promovido uma concorrência perversa entre os estados. A globalização financeira tem limitado a capacidade dos estados nacionais de promoverem políticas expansionistas, sob o risco de serem submetidos à exclusão do mercado mundial de capitais e aos ataques especulativos de suas moedas, com graves consequências para a estabilização. Essa forma de globalização favorece os países que concentram maior poder econômico e diminui a autonomia política e decisória dos estados que, adotando uma inserção subordinada à lógica da “Nova Ordem Mundial”, passam a reduzir impostos de importação, atacar conquistas sociais e sindicais e submeter suas políticas e legislações aos interesses dos países centrais.

⁴ **Monopólio** é uma forma de organização de mercado em que uma empresa domina a oferta de determinado produto ou serviço que não tem substituto. Monopólio puro é raro, sendo mais comum o **oligopólio**, em que um pequeno grupo de empresas detém a oferta de produtos ou serviços, ou a **concorrência imperfeita**, na qual uma ou mais características do monopólio estão presentes. A legislação da maioria dos países proíbe o monopólio, com exceção dos exercidos pelo Estado (por exemplo, produtos estratégicos, serviços públicos) e dos monopólios temporários, garantidos pela posse de patentes e direitos autorais. Contudo, a tendência comum é a das empresas exercerem práticas monopolistas por meio de expedientes como pools, cartéis, trustes e outras formas de disfarçar o domínio do mercado (SANDRONI, 1989). o **Pool** é uma reunião temporária de duas ou mais empresas com fins especulativos. O *pool* forma estoques de ações ou mercadorias comercializadas em bolsas (p. ex., cereais, café, açúcar etc.), procura forçar a elevação de preços e, então, vende com lucros elevados. o **Cartel** é o grupo de empresas independentes que formalizam um acordo para a sua atuação coordenada, com vistas a interesses comuns. O tipo mais frequente de cartel é o de empresas que produzem artigos semelhantes, de forma a constituir um monopólio de mercado. Os objetivos mais comuns dos cartéis são: (a) controle do nível de produção e das condições de venda; (b) fixação e controle de preços; (c) controle de fontes de matéria-prima; (d) fixação de margem de lucro e divisão de território de operação. As empresas que formam um cartel mantêm sua independência e individualidade, mas devem respeitar regras aceitas pelo grupo, como divisão do mercado e a manutenção dos preços combinados. Em geral, formam um fundo comum que serve de reserva monetária ao cartel. Esse fundo é utilizado tanto para punir as empresas do grupo que não respeitam o acordo, como para impedir que outras empresas penetrem em mercados já dominados. Na maioria dos países, a formação de cartéis que atuem internamente é proibida, por configurar uma situação de monopólio. No entanto, a “cartelização” é um fenômeno normal nas economias desenvolvidas e também nas subdesenvolvidas. A atuação dos cartéis elimina a concorrência; os consumidores podem ser lesados por preços construídos artificialmente e por produtos obsoletos; as fontes de matérias-primas ficam submetidas a compradores que fixam condições de compra, preços etc. o **Truste** é o tipo de estrutura em que várias empresas, já detendo a maior parte do mercado, combinam-se ou fundem-se para assegurar esse controle, estabelecendo preços elevados que lhes garantam altas margens de lucro. O truste funciona de forma semelhante ao cartel. Enquanto neste as empresas se mantêm independentes, no truste elas tendem a se fundir, formando novos grupos para assegurar o controle dos preços e garantir altas margens de lucro. Os trustes são proibidos por lei em muitos países, mas de pouca eficiência (SANDRONI, 1989).

Um Estado desses torna-se muito dependente dos investimentos privados e começa a fazer o que as empresas quiserem para não perder força econômica. Vira uma relação desigual, em que o mercado tem todas as fichas na mão. Em última instância, isso acaba afetando a confiança na democracia. As pessoas se perguntam então para que serve a democracia se as decisões estão sendo tomadas onde não temos influência. (Claus Offe, sociólogo alemão).⁵

“Avolumam-se evidências de que, na economia global, cada vez mais é o mercado financeiro, ou seja, as grandes corporações e não os governos, que, em última análise, decide sobre os destinos do câmbio, da taxa de juros, da poupança e dos investimentos. Sem dúvida, a liberalização e a globalização dos mercados são altamente vantajosas para o grande capital, cujos horizontes e estratégias transbordam as fronteiras estreitas do Estado nacional [...] Difícilmente encontrar-se-á uma referência às prioridades sociais na retórica dos arautos da globalização.” (H. Rattner, *Globalização...*, in Revista do IEA, USP, set./dez.1995, p. 66.)

No contexto de um país subdesenvolvido, os efeitos da globalização têm sido desastrosos. Um exemplo ilustrativo foi o ocorrido com o México, que viveu sua pior crise, financeira em dezembro de 1994. O país fora, até então, o melhor aluno do FMI e do Banco Mundial; fez a desregulamentação da economia, a abertura econômica ao exterior e a política de privatizações de suas empresas estatais. De um dia para outro, bilhões de dólares de capital especulativo foram transferidos de suas bolsas de valores para outras praças. A crise financeira resultante teve as consequências típicas deste quadro: inflação, recessão, aumento do desemprego e falências de empresas.

A globalização da economia exige das empresas nacionais um esforço para se adaptarem à nova realidade mundial, com métodos cada vez mais apurados de administração empresarial, controle eficaz do capital financeiro, novas tecnologias, baixos custos de produção, mão de obra altamente qualificada etc., requisitos que elas nem sempre são capazes de possuir.

A globalização surgiu de forma inesperada e descontrolada. Tem causado desemprego em certos países, desafia o poder tradicional dos governos e passa para as pessoas a sensação de que o mundo se transformou em um ambiente selvagem, do dia para a noite. Por mais que os estudiosos apresentem argumentos favoráveis a essa mutação econômica, a imagem que ela tem é a dos saques da Indonésia, dos desempregados na Europa e das empresas fechadas na Argentina. A pergunta bastante razoável que se pode fazer é: para que serve esse processo se ele sacrifica pessoas e subtrai poder de governos que são eleitos pelo povo?

Embora os impactos sociais sejam semelhantes em escala mundial, são os países da África, América Latina e do Leste Europeu que sofrem de forma aguda e acelerada as consequências dos programas de ajustamento econômicos neoliberais do FMI e do Banco Mundial, agravando a pobreza e levando a miséria e o desespero para extensas camadas sociais.

Na América Latina, os modelos de estabilização têm resultado em forte dependência externa para garantir a estabilidade de preços e, simultaneamente, têm sucateado importantes setores industriais e gerado um crescimento do desemprego estrutural.

⁵ Muitas pessoas apontam, entre as funções do neoliberalismo, a de restringir o papel do Estado na garantia dos direitos dos trabalhadores urbanos e rurais e a de privatizar empresas públicas para favorecer o mercado. Também foi dada ênfase ao mecanismo neoliberal de transformar os cidadãos em simples consumidores, envoltos numa cultura padronizada e submetidos a valores distantes da sua própria realidade. Valores impostos, que são difundidos, principalmente, pelos meios de comunicação, pela educação e políticas culturais oficiais.

O furacão que está varrendo o mundo já feriu profundamente o mercado financeiro. O comércio internacional, a produção industrial e o emprego sentiram o baque da crise, mas ainda não tombaram. Se a loucura dos mercados financeiros não for detida, não é impossível que os países mergulhem numa depressão semelhante à de 1930.

O dinheiro já está deixando os países emergentes indo abrigarem-se em investimentos mais seguros, como os títulos da dívida americana. Assim, a possibilidade de moratória generalizada ou aumento brutal dos juros para segurar a fuga de dólares. A elevação dos juros não segura o investimento estrangeiro e ainda provoca um estrago adicional. As empresas, muito endividadas, começam a quebrar. O desemprego aumenta e o consumo despenca. Com isso, o comércio internacional encolhe. Com menos comércio, o mundo inteiro fica mais pobre. Até países ricos, como os Estados Unidos, são afetados pela crise. O pessimismo toma conta dos empresários de tal forma que mesmo uma redução dos juros ou dos impostos é insuficiente para estimular o crescimento econômico.

4 Desafio do século XXI

Pelo lado econômico, observa-se que a globalização ocorre de forma acelerada e já alcança os mais distantes pontos da face da Terra. A tecnologia moderna, principalmente no ramo das telecomunicações, coloca as organizações econômicas em contato com pessoas de diferentes continentes, nações, comunidades e lugares. Isso permite que muitas organizações aproveitem-se das assimetrias de informações (desigualdades) para tirar proveitos ou, mesmo, impor seu domínio.

Pelo lado social, observa-se que a globalização está ausente em algumas regiões e, por outro, ela ocorre de forma lenta e sem muito interesse. Não se observa, por parte dos dirigentes organizacionais, o mesmo interesse demonstrado pela globalização econômica. O que ocorre é a ação isolada de organizações, principalmente as não governamentais, no sentido de alertar para a questão. As tecnologias não são utilizadas de forma intensiva, para busca de melhores condições de vida para as populações, como ocorre nas explorações econômicas e financeiras. Muitas lideranças e governantes fazem belos discursos sobre a questão, mas apresentam poucas ações na busca de uma globalização social.

Cada vez mais é preciso uma economia social, de uma economia solidária, que corresponda a outros critérios necessários à vida em sociedade e não somente aos resultados econômicos.

Para promover essa economia, é preciso mudar do paradigma da competição para o da cooperação. Cooperação entre indivíduos, organizações, municípios, estados e nações. É possível alcançar melhores resultados atuando por meio de parcerias, acordos e ações conjuntas, do que atuando isoladamente.

A cooperação não é nova. Em todas as sociedades, das mais primitivas às mais modernas, a cooperação aparece ao lado de dois outros processos sociais em que os indivíduos e grupos são envolvidos simultaneamente: o conflito e a competição. Quando os indivíduos trabalham juntos, tendo em vista um objetivo comum, seu comportamento é chamado cooperação. Quando lutam um contra o outro, temos o conflito; algumas vezes essa disputa se caracteriza como competição.

Em qualquer tipo de cooperação é necessário que exista homogeneidade dos participantes (igualdade), identidade de interesses (necessidades comuns) e a crença na força do grupo. Essas características são importantes porque a cooperação entre pessoas ou entre

grupos exige muita negociação e acordo entre as partes envolvidas. Também exige um relacionamento consciente entre as pessoas, uma vez que o estabelecimento da finalidade comum necessitará de que a conduta individual seja interdependente. Alcançar o resultado individual só é possível se houver um comportamento mutuamente adaptado e consciente entre as pessoas.

Cooperar é trabalhar junto; é ajudar-se mutuamente; é tentar conseguir com a ajuda de outros o que, dificilmente, se conseguiria sozinho. Não é um ato irracional, produzido por instintos (como no caso das formigas e das abelhas), mas uma resposta intelectual e criativa do homem frente às suas necessidades e realidades.

Em sentido lato, cooperar quer dizer unir e coordenar os meios e os esforços de cada um para realização de uma atividade comum, visando alcançar um resultado procurado por todos. É um comportamento que se observa ao longo de toda a história da humanidade.

Os povos antigos já praticavam a cooperação na sua luta pela sobrevivência. A caça e a pesca em comum, a construção de habitações e a defesa da comunidade eram realizadas em conjunto pelos membros dos grupos.

Além dessas atividades, nas sociedades mais primitivas, a cooperação aparecia nas manifestações religiosas, componentes da vida social, mantendo-se pelo costume ou pela autoridade dos chefes tradicionais.

Na Babilônia, no Egito e na Grécia antiga, já existiam formas de cooperação muito bem definidas: nos campos comunitários de plantio de trigo, no artesanato e no sepultamento dos mortos. Na Babilônia, muito antes de Cristo, já existia um sistema de exploração em comum de terras arrendadas. Na Grécia antiga, havia diversas formas de associação, entre as quais as que objetivavam garantir enterro e sepultura decente aos seus associados. Quatrocentos anos antes do nascimento de Cristo, os mercadores chineses se organizavam em grupos para o transporte de mercadorias no Rio Amarelo. No México, os indígenas organizavam-se em comunidades chamadas *ejidos*, hoje transformadas em cooperativas integrais de produção agrícola. O mesmo aconteceu com os indígenas peruanos que, organizados em comunidades chamadas *ayllhos*, semeavam e colhiam suas lavouras com instrumentos de propriedade coletiva.

Uma das formas mais completas de cooperação foi desenvolvida no século XV, à época do descobrimento da América, pelas civilizações Asteca e Maia, na América Central, e pela civilização Inca, na América do Sul. Esses povos viviam em regime de ajuda-mútua, sustentados pela organização cooperativa das atividades agrícolas. Entre nossos povos indígenas, a realização de atividades econômicas e sociais em comum deu origem à prática do mutirão, comum em nosso país.

Em qualquer caso, a cooperação exprime a solidariedade instintiva do grupo. Em todos os povos encontramos vestígios e instituições baseadas na cooperação sem prévias formulações jurídicas ou normatizações escritas. Constituem espontâneos movimentos de mutualidade, benefício comum, solidariedade e ajuda-mútua.

Tal como as organizações comunitárias tradicionais a organização cooperativista moderna nasceu nos meios populares, como forma especial de aplicação dos procedimentos associativistas. Historicamente o cooperativismo moderno surgiu como um instrumento de defesa, de reabilitação e de emancipação de trabalhadores, como reação às condições sociais e econômicas adversas originadas da evolução do capitalismo.

A forma cooperativa de desenvolvimento permitiria um maior aproveitamento/distribuição das riquezas do planeta. O progresso tecnológico e econômico seria utilizado não só para gerar dividendos dentro das economias, mas também para levar condições de vida em muitos locais onde a miséria ocorre. Os recursos naturais seriam explorados de forma sustentada e em benefício de todos. Os direitos humanos seriam estendidos a todos indivíduos na face da terra via globalização institucional.

5 Considerações finais

Realmente a globalização é um gigantesco processo dinâmico em andamento. Da forma como está acontecendo, tem reflexos no plano dos continentes, países, regiões e comunidades com fuga de capitais, a alta dos juros e o desemprego.

A saída para essa situação passa pela busca de um processo mais equilibrado, privilegiando não só os aspectos econômicos como também os sociais. Nesse sentido, é preciso ações coletivas e cooperativas, por meio de parcerias e alianças estratégicas voltadas para o desenvolvimento socioeconômico, como única alternativa para sobreviver nos espaços globalizados de competição.

De nada valem os benefícios da globalização econômica se não existir a globalização social. Parece utópico falar em equilíbrio perfeito, mas a sinergia seria muito maior se a globalização acontecesse de forma equilibrada. ♦♦

6 Referências bibliográficas

ALENCAR, G. **Brasil e seu futuro**. São Paulo: Makron Books, 1996.

BECK, U. **O que é globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DREIFUSS, R.A. **A época das perplexidades: mundialização, globalização e planetarização**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, Estado e o futuro capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GRALBRAITH, J.K. **Anatomia do poder**. São Paulo: Pioneira, 1986.

GONÇALVES, R. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

SANDRONI, P. **Dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1989.